



REANNE RAMOS

UMA AVENIDA  
CHAMADA  
*Palmeiras*

Editora RECANTO das LETRAS

UMA AVENIDA  
CHAMADA  
*Palmeiras*



REANNE RAMOS

UMA AVENIDA  
CHAMADA  
*Palmeiras*

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

© Reanne Ramos

Editora Recanto das Letras  
editorarecantodasletras.com.br

Coordenadora editorial: Cassia Oliveira  
Revisão do texto: Maciel Salles  
Diagramação: Michael Vasconcelos  
1ª edição – fevereiro de 2020

Todos os direitos reservados.  
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Ângélica Ilacqua CRB-8/7057**

---

Ramos, Reanne  
Uma avenida chamada Palmeiras / Reanne Ramos. --  
São Paulo : Recanto das Letras, 2020.  
46 p.

ISBN: 978-85-7142-065-6

1. Ramos, Reanne – Memória autobiográfica I. Título

19-2578

CDD 920

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ramos, Reanne – Memória autobiográfica

## DEDICATÓRIA

**E**ste pequeno e ousado texto, pois não tenho a pretensão de ser escritora, é dedicado a todas as pessoas que fizeram parte de minha história e me fizeram ser quem sou. A elas, todo o meu carinho.

Dedico também à memória de minha mãe, Benedita, de quem herdei muitas das minhas qualidades e alguns defeitos também.

Às grandes amigas Zilá, Madalena, Tina, Neide, Aparecida, Luisa, Silvana, Helena, Irene e Genilda (*in memoriam*).

Agradeço à minha irmã Neusa pelo encorajamento e incentivo.

A Deus, grande amigo de todas as horas, por me dar a capacidade de me fazer entender através das palavras escritas.

A autora



# SUMÁRIO

Apresentação .....	7
A avenida .....	8
Assim começa tudo .....	9
Inventar e reinventar brincadeiras .....	11
A luz .....	13
O pasto .....	15
A avenida à noite .....	16
Outras brincadeiras .....	17
Domingo .....	18
Adolescência .....	20
Juventude .....	22
A escola .....	25
Adultas .....	27
Ainda lá atrás... ..	29
Que susto! .....	30
A experiência das primeiras letras .....	31
Minha sessão particular .....	33
O forro da alegria .....	35
Animais .....	37
Onde está o cão? .....	38
Abra a porta e entre .....	40
Este era o meu pai .....	41
Barquinhos de papel e os soldadinhos .....	42
Concluindo... ..	44
Sobre a autora .....	45



## APRESENTAÇÃO

**A** liberdade é uma coisa incrível! Igualmente a alma humana. Por mais preso que um corpo possa estar, a alma é livre. Ela “anda”, voa, viaja por onde quer. Vive as aventuras que quer viver e se torna quem ela deseja, pois coração e imaginação são tão inerentes a cada ser como o é a alma humana. E ninguém consegue aprisionar... E é por aí que, agora, começo essa jornada, para esse lugar fantástico que se chama memória. Me acompanha?

Reanne Ramos



# A AVENIDA

**A** rua, uma como outra qualquer. O que a fazia diferente de tantas outras é o que nela se passava, bem despercebido, sem que, naquele momento, alguém pudesse entender como pequenos fatos marcariam a vida de alguns.

Era uma avenida separada por canteiros com palmeiras plantadas ao centro. Era toda calçada com paralelepípedos. As lâmpadas nos postes clareavam tão pouco que nós costumávamos chamá-las de “tomatinhos”. Mas ali era o nosso território, a nossa casa, o nosso lugar de pertencimento no mundo. Também era o primeiro lugar onde ensaiávamos nossos passos para o futuro. Era onde exercitávamos nossa individualidade com criatividade e com toda a liberdade. Eram diferentes tempos onde podíamos correr, brincar, ir para a rua sem nos preocuparmos com a maldade que hoje ronda nossas crianças.

A turma? Era uma turma de garotas e garotos. Irmãos, primos e amigos. As idades? Bem próximas. E a alegria e liberdade eram comuns a todos. Ainda se podia brincar na rua, na casa dos vizinhos, na linha da maria-fumaça, sem medo ou preocupação nossa ou de nossos pais. Carros eram bem poucos os que os possuíam. Ainda era um tempo onde a rua era praticamente dos transeuntes. E o tempo? Ah, esse era todo nosso.

Em resumo, a Avenida das Palmeiras era o nosso mundo encantado, local de nossos primeiros amigos, aventuras e boas experiências. Era o lugar de nossas primeiras memórias!



# ASSIM COMEÇA TUDO

**C**idade pequena do interior com seus habitantes bem conhecidos uns dos outros. Dias normais para a maioria das pessoas, mas para um bando de crianças, brincar era a rotina diária. E quanto mais criatividade, melhor!

Enquanto não íamos para a escola, os dias eram de festa e grande movimentação para nós. Para se ter uma ideia, uma bacia de serragem para socar um fogão a lenha virava um belo bolo todo decorado com a serragem amarela e fina, cheio de detalhes com a serragem mais grossa e de cor marrom caramelado, que vinha de uma serraria e fábrica de camas torneadas, de propriedade do pai de uma das meninas da turma. Era uma alegria vislumbrar o produto que ia nascendo de mãos pequeninas, mas habilidosas. Daí, nem se fala do tempo gasto para concluir a bela obra, e também a bronca que tomava ao retornar pra casa, com minha mãe brava por causa da demora.

Tudo era motivo para brincar. Às vezes, nem comer queríamos, porque isso significava parar de brincar. Minha mãe, impaciente e sempre atarefada, pois era doceira, sabiamente, para nos fazer comer, sentava-nos num toco de árvore que servia de banco, na porta da cozinha, e então enchia um prato com comida e com a mão mesmo, fazia um “capitão” – truque lúdico cuja finalidade era colocar na boca de cada uma de nós um punhado da comida. Só assim era garantido que comêssemos tudo e, principalmente, comêssemos rápido. Artifício eficiente para ela, já para nós era festa, pois todas almoçavam juntas e sobrava mais tempo para brincar.

Uma das brincadeiras exclusivas da turma das meninas era o Clubinho Gossips. Sabe onde ele ficava? Do lado de trás de um armário embutido! Explico melhor. É que a casa de uma das meninas da turma era um prédio de dois andares, o que era um luxo para a época. Mas voltando à explicação, na casa de baixo do prédio moravam os pais dela. No quarto do casal havia um armário embutido e ele dava fundos para debaixo da escada que levava ao andar de cima. Isso criava um vão por onde podíamos subir e ficar assentadas. Era ali nosso lugar de inventar brincadeiras e fofocar. Lembro-me que certa vez desenhemos uma boca enorme na parede com a língua para fora. Havíamos visto esse desenho em uma revista com a palavra *gossips* escrita embaixo. Não sabíamos o que significava, mas achamos interessante e era a nossa cara. Então resolvemos adotar como símbolo e nome do nosso clubinho. Era um dos nossos desenhos favoritos para ilustrar as calçadas e muros com carvão (nesse tempo não havia pichações).

Os poucos muros que haviam, pois muitas casas ainda eram separadas por cercas, eram um verdadeiro convite para os nossos rabiscos. Mais tarde, descobriríamos que a palavra *gossip* significava fofoca. Ou seja, caiu como uma luva desde sempre e não sabíamos.

# INVENTAR E REINVENTAR BRINCADEIRAS

**O**utra brincadeira que gostávamos muito era brincar de moça. O pai daquela menina da turma que morava no prédio e que tinha uma serraria no fundo da casa, quando trazia as toras de madeira para empilhar, de algumas delas escorria uma resina amarela que chamávamos de “ourinho”. Quanto mais resina escorria das cascas e cristalizava, mais bonitos nossos ourinhos ficavam. Aí nossa imaginação voava, pois nos vestíamos com toalhas, tapetes e outras bugigangas que encontrássemos pela frente, e com nossos ouros, éramos as pessoas mais ricas do mundo! Podíamos comprar tudo que a imaginação quisesse. Imagine só a disputa que era para ver quem podia comprar mais! Também nas toras, que eram troncos de árvores que depois de serrados virariam a matéria-prima para fazer as camas, brincávamos de escritório. Isto é, pegávamos uma folha de papel, a dobrávamos ao meio e enrolávamos num lápis. Quando se desenrolava, o papel estava arredondado; então o colocávamos sobre uma superfície dura e batíamos os dedos simulando o barulho de uma máquina de escrever. O difícil era fazer o papel ficar onde o queríamos, pois ele saía andando à medida que o tocávamos.

De vez em quando, nossa criatividade tomava outros rumos. Ainda na serraria, após o corte das tábuas, ficava um monte de serragem amontoada. Quando terminava o expediente e os empregados iam embora, era a nossa vez



de começar a trabalhar. Cobríamos o monte de serragem com uma lona, subíamos no telhado da serraria e dávamos saltos mortais sobre o monte. Ah, salto mortal era pular de costas, fazendo um giro de 360° com o corpo, no ar, de cima do telhado sobre a serragem. Era uma grande prova de coragem, mas também uma deliciosa brincadeira. Era adrenalina pura! E nem sabíamos o significado de tal palavra, mas o conhecíamos, na prática.





“Por mais preso que um corpo possa estar, a alma é livre.  
Ela ‘anda’, voa, viaja por onde quer.”

A autora

Lembranças de infância, todo mundo as tem. As minhas, resolvi escrevê-las. Creio que, de alguma forma, lendo-as, outros também se recordem da sua própria infância. *Uma avenida chamada Palmeiras* são pequenos textos que, como uma colcha de retalhos, foram construindo vidas, não só a minha, mas também as de um grupo de pessoas que hoje são adultos realizados e felizes.

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

